

O lampejo que corta: ética, movimento, ressurgências¹

“A crueldade infinita das catástrofes é que em geral elas se tornam visíveis tarde demais”.

Sentir le grisou, Didi-Huberman (2014, p. 9). “Sentir o grisou, como é difícil”.

Entramos agora por baixo da terra. *Grisou* é um gás inodoro e incolor que vai se acumulando nos subterrâneos das minas. Não é tóxico, mas é altamente inflamável. Quando em grande concentração, produz o incêndio, a explosão. Por ser inodoro, os mineiros não tinham como perceber o perigo se engendrando, e quando chegava, era tarde demais. Curiosamente se verificou que os pássaros sim, eles “sentem” o grisou. Os mineiros passaram então a levar para baixo gaiolas com os pássaros; quando eles começavam a eriçar a plumagem era sinal da superconcentração. Era como se “se pudessem ver” o perigo se aproximando.

Assim, os pássaros ficaram investidos deste “ver-chegar” a onda. Didi-Huberman trabalha a partir da arte e da poética, tomando algumas imagens “remontadas do fundo da mina”, do mal-estar de quando passa o *mauvais air* – o mau tempo – da história. Leitura de linhagem benjaminiana, na qual a história está inscrita e surge na urgência de um instante de perigo. *Não se trata de comemorar uma catástrofe passada como lugar de memória, mas de re-memorar uma catástrofe passada para clarear a situação presente sob o ângulo dos incêndios que estão por vir.*

Ele aponta: é fácil dizer “isso foi uma catástrofe”, quando ela já se evidenciou; ou mesmo dizer, no futuro absoluto, “isso vai ser uma catástrofe”. Bem mais difícil formular: olha ela chegando, agora, onde nós estamos. A leitura possível da história vem articulada à sua condição de reconhecimento, de formulação. Um “estado de emergência” no qual um ato de linguagem possa trazer as questões que não podem ser apaziguadas. Emergência carrega

¹ Texto apresentado no VIII Congresso Internacional de Convergência-Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, *QUAL ÉTICA PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA NA ATUALIDADE?*, 24, 25, 26 e 27 de maio de 2023.

a abertura de sentido: o que surge, junto com certa urgência. Isso inclui experienciar um tempo ativo, propõe, para que possamos nos situar frente à complexidade das questões. Um tempo ativo precisou se desdobrar ao longo da pandemia no mundo, nas vidas, com o confinamento e todos os perigos. Para nós, psicanalistas, foi preciso transportar e recriar recursos para o exercício da psicanálise, o que foi de grande valor nos tempos “invadidos”. Importante sublinhar a questão da angústia – que nos assolou a todos, analistas e analisantes, ao ponto de precisar trabalhar muito para que não restasse totalizada em sua dimensão de invasão, de traumático, de paralisia. E que pudesse operar novamente a sua função de angústia-sinal, essa, não para ser eliminada, mas para auxiliar nos rumos da escuta.

Angústia e desorientação: quando se desorienta o nó, podemos dizer, se produzem as tentativas, o trabalho psíquico que pede/procura novas formas de religar e encontrar referências que recriem borda, reconheçam limites e, novamente, os possíveis. Sim, o laço de trabalho sob transferência foi sustentado propiciando o que tínhamos: a clínica *online*, agora no tempo de podermos formular questões dessa experiência. Ficamos confinados, mas também recriando, mesmo com dificuldades, os espaços de encontro, a prática entre os analistas, a transmissão e os laços.

É uma alegria que nosso primeiro Congresso presencial depois da pandemia seja justo aqui em Barcelona, cidade onde se deu a fundação do movimento de Convergencia, em 1998 (pré-fundacional em 1997), onde estávamos presentes com tantos colegas com quem seguimos a navegação e a aventura. Sublinhemos o termo de movimento, que hoje é da maior importância. Queremos dizer que foi um grande desafio e inestimável valor o trabalho institucional que tecemos e que nos dá lugar de estar com os outros com relação à psicanálise – em diferentes lugares, moebianamente.

A APPOA reuniu alguns escritos nos meses do início da pandemia. O texto de Erik Porge (2020) marcava que nos confins do confinamento, para fora deste, tem o sujeito da enunciação.

Espaço aberto para a enunciação, para este lugar que se desconhece; talvez este seja um dos grandes desafios quando pensamos em sustentar, na atualidade, a ética para a prática psicanalítica.

Hoje, em tempos já de alguma forma pós-pandêmicos, nos encontramos com muitas das questões também levantadas no argumento do Congresso: excessos, continuidades de gozo – consumo, objetualização dos sujeitos, mercados superinflados, a busca de soluções rápidas, a anestesia encontrada nas drogas, na supermedicalização que tenta sedar a angústia e o sofrimento.

Por onde andamos?

Vivemos um tempo dos binarismos exacerbados, que se aliam à prática da violência, das segregações, dos cancelamentos nas redes sociais. Espécie de totalitarismos na linguagem, certezas em confronto, mas sem nuances ou perguntas, fragilização das instâncias simbólicas, das diferenças. Sintoma no laço social que afeta, sem dúvida, a prática de nossa ética.

Em *Les non dupes errent* Lacan chama a atenção para essa ética diferente que se fundaria na recusa de ser não-tolo; em ser cada vez mais fortemente tolo desse inconsciente – nosso único patrimônio de saber: ética da psicanálise, ética do bem-dizer.

A ética do bem-dizer tem a ver com se achar no inconsciente, diz Lacan (2003): se achar na estrutura, abertura de espaço de enunciação.

Respondendo a uma pergunta sobre a psicanálise dentro de um mundo neoliberal, um colega respondeu: o neoliberalismo destaca, separa o sujeito dos outros. E cria assim uma rivalidade permanente: cada um por si!

Em psicanálise, ao contrário, se trata sempre de um sujeito que está em relação ao Outro. Quais efeitos de sujeito são animados em um tempo que desqualifica os valores que um sujeito poderia receber por transmissão do Outro? Onde um ideal pode aparecer tão colado a ideais comandados por imperativos superegoicos ou por urgências pulsionais desenlaçadas do desejo?

O *pathos* se desdobra no laço social justamente quando, no discurso, se desencoraja o sujeito a se encontrar, a se achar, a encontrar esse bem-dizer, seu lugar com relação a seu desejo e aos compromissos e trabalho que também o desejo implica. Cito Chemama (2007): “Esse desencorajamento sempre provém de uma desqualificação da fala”. Por isso a questão da enunciação hoje nos parece crucial.

O novíssimo chat GPT não parece fascinante e *Unheimliche*? Se joga um punhado de palavras e salta um texto bem escrito, sofisticado até, e assustadoramente oferecido para que se assine, desligado da experiência de alguém. Quem escreve?

“Estamos cada vez mais pobres em experiência”, afirmava Benjamin já nos anos 1920, um século atrás, quando tratava de demarcar a diferença entre a dimensão inventiva da linguagem e uma dimensão instrumental. Dimensão inventiva quando se preserva na criação algo que vai mais além de um produto e, mais que isso, recria junto algo do vazio, da incompletude. Diferente da dimensão instrumental: inundação de clichês repetidos, fixações, alienações ou instrumentalizações nos laços.

Lendo Safatle em *Maneiras de transformar o mundo: é função da clínica pensar a transferência e sua dissolução em um processo analítico como possibilidade de transformação de um laço que possa não estar em posição de sujeição psíquica*.

“A experiência caiu de cotação”: seguimos com Benjamin (apud DIDI-HUBERMAN), em uma alusão direta às cotações que têm a ver com “o mercado”. Mas *geffalen* (caído, fracassado), esse estar em queda não equivale à eliminação. Mesmo em queda, se trata de um movimento. O que cai não “desaparece”, se trata também de toda a complexidade do movimento da ressurgência (assim como o declínio da figura do narrador, em seu escrito *O Narrador*) recurso de desejo e de experiência no âmbito das decisões e escolhas mais simples e banais do nosso cotidiano mesmo.

Essa é a proposta de Didi-Huberman em *Sobrevivência dos vaga-lumes*, dialogando com o contemporâneo, e que podemos também fazer ressoar com relação à ética de nossa prática frente ao risco, em nosso tempo, de um recalçamento que pudesse incidir, talvez, sobre a própria enunciação: lidar com essas ressurgências onde destruição e criação também dia-

logam com ética e com uma estética que tenha a ver com a surpresa de novas formas, com o furo nas totalizações, com o relançamento de descontinuidades que permitam novos enlazes.

A gente não percebe as mesmas coisas se nosso olhar vai para o horizonte que se estende imenso, imóvel, longínquo, espécie de completude, de totalização para além de nós; ou se nosso olhar se deixa afetar pelo lampejo (parcialidade) que transita, que surge, que corta, que perturba, que vem nos tocar como um cometa: bola de fogo que corta o horizonte...

Há motivos para sermos pessimistas mas, ao mesmo tempo, é tão mais necessário abrir os olhos na noite, poder se deslocar sem descanso (reencontramos aqui o termo do movimento), voltar a procurar vagalumes. Didi-Huberman liga isso justamente à partícula da indestrutibilidade do desejo, de Freud, ao final da Interpretação dos sonhos: Indestrutível e frágil ao mesmo tempo! Ele recorre a um tempo da guerra, na Itália, 1941, onde, em Bolonha, Pasolini, jovem estudante de Letras, transitava por Freud, pela filosofia, pela poesia moderna, escreve uma carta a seu amigo de adolescência. Pequenas luzes da vida em meio à sombra pesada da angústia. E conta da noite belíssima naquele janeiro, onde subiram até o monte, fora da cidade, e viram uma quantidade imensa de vaga-lumes que formavam pequenos bosques de fogo nos bosques de arbustos. E os invejava. Porque “se amavam e se procuravam em seus voos amorosos e suas luzes” (2011, p. 45) enquanto no mundo se invertia a direção: os grandes canhões de luz que furavam a escuridão, os projetores do fascismo que traziam a destruição.

Qual a pergunta que o autor nos apresenta, trazendo para o presente: desapareceram mesmo os vaga-lumes? “Emitem ainda – mas de onde? – seus maravilhosos sinais intermitentes? Procuram-se ainda em algum lugar, falam-se, amam-se apesar de tudo, apesar do todo da máquina, apesar da escuridão da noite, apesar dos projetores ferozes?” (idem, p. 45).

Não se trata aqui somente de uma sobrevivência, mas da experiência de ressurgir, sustentar uma implicação que permita um lugar desde onde se situar e falar.

Abertura de espaço de criação e invenção, com relação ao sujeito. Experiência da escuta, do lado do analista. Com mais outros, com quem contamos a respeito desse lugar desde onde enunciamos, mas que desconhecemos. Criação de um “comum” na fraternidade discreta, como “a comunidade que vem”, em Agamben – não uma futura, mas a que está sempre chegando, nunca terminado de chegar totalmente, e que assim também faz certo anteparo de um lado ao coletivo e, de outro, ao individual.

Ressurgimento de desejo, que aparece como lampejos com a imagem paradoxal da fragilidade e força do vaga-lume.

Lucia Serrano Pereira

Grupo de composição da discussão: Alfredo Gil, Eliana dos Reis Betancourt, Ieda Prates da Silva, Inajara Erthal, Luciane Loss Jardim, Maria Angela Bulhões, Marta Pedó, Mercês Ghazzi, Robson de Freitas Pereira, Rosane Ramalho, Sidnei Goldberg, Simone Madke Brenner, Tamara Ferrari Pelizzari, Thoya Mosená.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. (ref. prefácio de Raul Antelo) Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2013.

CHEMAMA, Roland. *Depressão, a grande neurose contemporânea*. CMC editora, Porto Alegre, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sentir le grisou*. Paris: Éditions de Minuit, 2014.

_____. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMF, 2011.

LACAN, Jacques. “Televisão”, in: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. *Os não tolos erram/Os nomes do pai 1973-1974*.

PORGE, Erik. “Nos confins do confinamento, o sujeito”, In: *Psicanálise em tempos de pandemia*. Porto Alegre: Correio da APPOA, edição eletrônica, nº 297, abril de 2020,

SAFATLE, Vladimir. *Maneiras de transformar mundos*. Ed. Autêntica, 2020.